

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ENQUANTO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO

Maria Luciana Damasceno de Freitas ¹
Brena Rabelo dos Santos ²
Igor Márcio do Nascimento Azevedo ³

RESUMO

O presente artigo objetiva descrever a evolução da contação de história enquanto instrumento de alfabetização literária e sua utilidade na seara da educação. A problematização surge de perceber a aplicabilidade da contação de história para além da Educação Infantil, sendo um importante instrumento pedagógico literário também para os Ensinos Fundamental I e II, e Médio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza básica, com cunho descritivo baseado em procedimentos bibliográficos. Apresenta pesquisas e estudos baseados em pensadores e teóricos da educação, tais como: Paulo Freire, Emília Ferreiro, Vygotsky, Celso Antunes, Piaget, dentre outros. Em seu desenvolvimento, elenca e define os elementos estruturais, os componentes e os personagens integrantes desta atividade, acentua a relevância da formação e do comportamento dos contadores de história, reflete a sua influência psicológica e o desenvolvimento cognitivo para com os educandos, trata da relevância do uso da tecnologia e de APP's como aparelhagem para facilitar o acesso a leitura dos livros. Conclui-se que é de bastante relevância o investimento do governo brasileiro e das secretarias de educação estaduais e municipais no investimento da educação e leitura, além disso, facilitar o acesso às bibliotecas e estimular tanto os profissionais quanto os docentes da prática dessa atividade, promover campanhas de estímulo à leitura que envolva os pais, os familiares, os outros funcionários das escolas, tais como: agentes administrativos, terceirizados.

Palavras-chave: Contação, Alfabetização, Educação.

INTRODUÇÃO

A temática escolhida para este artigo é a Contação de História devido à sua crescente notoriedade, particularmente na seara da educação, e por isso muitas escolas e professores a utilizam como metodologia de alfabetização e letramento literário para ampliar o conhecimento dos aprendizes em idade escolar.

¹ Professora da Rede Pública Municipal de Ensino de Fortaleza desde 2009; graduada em Pedagogia pela UECE em 2002; Bacharel em Direito pela Unifor, em 2015; Especialista em Planejamento do Ensino e Avaliação da Aprendizagem em 2005 pela UFC; Especialista em Direito Constitucional em 2017 pela Faculdade ProÚnica, lucianafrdamasceno@gmail.com;

² Professora da Rede Pública Municipal de Ensino de Fortaleza desde 2018; graduada em Pedagogia pela UECE em 2017, brenasabelo@gmail.com;

³ Pedagogo da rede municipal de Fortaleza e mestrando em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), igormarcioa@gmail.com;

Por ser um movimento tão antigo quanto a humanidade, permitiu e promoveu a comunicação entre as pessoas de um mesmo corpo social e entre as comunidades distintas, permitindo a troca de experiências, vivências, vocabulários, expressões e linguagens. A sua finalidade inicial era de transmitir os valores e as crenças entre as gerações e passou a ter um papel social de relevância e destaque quando foi transcrito pelos autores alemães irmãos Grimm, que divulgaram e popularizaram as fábulas e os contos, singularmente os infantis.

Para manter a tradição da cultura universal pertencente à população mundial e intrínseca de várias comunidades contendo as particularidades e as características de cada organismo social, deve-se apreciar as histórias, lendas e parlendas, que enaltecem a sapiência, os valores e os saberes da humanidade e tudo isso é realizado através da contação de história. Este é um ato de educação, pois perdura o conhecimento através das narrativas, valoriza as conversas, as fábulas, os contos e as tradições orais.

O objetivo geral desta obra é descrever a evolução da contação de história enquanto instrumento de alfabetização literária e sua utilidade na seara da educação. Além de demonstrar a importância que a mesma recebeu na atuação pedagógica e educativa utilizada em instituições escolares, que é predominantemente voltada para a educação infantil, mas também pode ser utilizada como ferramenta educacional nos ensinos fundamental e médio, qual a formação e os elementos que um contador de histórias deve ter para realizar esse trabalho de forma competente e adequada.

A finalidade da contação de história é valorizar a cultura, as credences que são repassadas de geração em geração, e isso deve ser uma laboração não só da escola, mas de cada sociedade que tem a obrigação de resguardar a sua própria cultura ao preservar a suas narrativas, lendas e parlendas. A população de um país demonstra sua riqueza intelectual ao valorizar as suas histórias, sabendo blindar as suas tradições e missigena-las com as inovações das mudanças dos anos.

No Brasil se importou muitas histórias tais como as dos irmãos Grimm, tais como Cinderela, Branca de Neve e os sete anões, Chapeuzinho Vermelho, e lendas como o lobisomem e o halloween, mas também possui lindas histórias e lendas como a do Saci Pererê, a loira do banheiro, o boto rosa, a sereia Iara.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza básica, com cunho descritivo baseado em procedimentos bibliográficos.

O artigo tem cunho descritivo, pois, de acordo com Gil (1999), este caracteriza-se como sendo intermediário entre os trabalhos exploratórios e os explicativos, uma vez que, não é tão inovadora e tampouco tão aprofundada como estas formas de estudo pressupõem.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, mediante busca eletrônica. Para Gil (2008) a pesquisa bibliográfica concebe publicações em forma de artigos, livros, revistas, teses, dissertações entre outros.

Concordando com essa afirmação, podemos dizer que a pesquisa bibliográfica é feita por meio do:

levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Assim, buscou-se de maneira simplificada construir uma descrição da evolução da contação de história como instrumento de alfabetização literária, abordando conceitos históricos e trazendo reflexões sobre os estudos encontrados.

REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura instrui, diverte e emociona por meio de narrativas escritas ou orais que retratam a realidade do ser humano e enriquecem culturalmente a vida de um povo por trazer em sua essência valores sociais e morais. Conforme a sociedade evolui, a contação de história transforma e modifica a literatura, tornando-a em patrimônio cultural de um povo ou uma comunidade.

A contação de história faz o elo entre a literatura e o ouvinte, promove essa interação, suscita inferências e suposições, mescla fantasia e realidade, propõe ao ouvinte imaginar-se na história, entre os personagens e se colocar no lugar do outro. Afinal de contas, a narrativa oral fomenta a imaginação e pode definir a literatura como um meio de libertar o audiente das limitações racionais e ser compreendido como uma pessoa única ou um ser pertencente a um coletivo representado por lendas e parlendas, mitos e contos de fadas, causos e outros gêneros textuais que enriquecem a cultura de um povo.

Para Lev Vygotsky as relações do ser humano com o meio e com a sua cultura constituem a alavanca para os seus processos de aprendizagem e desenvolvimento. Enquanto o educador afirmava que a imaginação estimulava o nosso cérebro a combinar, permutar e reelaborar situações, comportamentos e vivências em nosso cotidiano, e essa combinação da imaginação com a realidade estimula e aprimora o processo de maturação do ser humano.

Conforme o educador, a utilização da contação de história enquanto ferramenta lúdica que pode promover habilidades cognitivas, ampliar o aprimoramento humano, aguçar a imaginação, impulsionar o desenvolvimento psicológico, criativo e emocional, em particular das crianças, mantendo-a como uma metodologia de trabalho usual, comum e basilar.

Para Vygotsky, a imaginação pode ser associada à ideia de criatividade, mas também à interpretação de alienação. Cabe aos professores, pais e responsáveis mediar e transitar a função imaginativa com a associativa da realidade. Estimular a criatividade imaginativa, mas com o senso de realidade e veracidade, especialmente ao público infantil, pois quando o conhecimento é explorado de forma lúdica, conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem e a interação do educando tornam-se mais significativos.

O filósofo e pesquisador voltou os seus estudos para a compreensão da origem e do desenvolvimento dos processos psicológicos do ser humano, cujos elementos de base para essa formação são a própria cultura, o convívio social e o ambiente ao qual está inserido. Para o seu aprimoramento, o homem além de pensar, articular, refletir e precisa sentir, sendo assim, a contação de história é um instrumento essencial para todas essas estimulações.

Para Borghi (1997) a contação de história é o momento em que o ouvinte deve estar com os cinco sentidos do sujeito atentos, com a sua atenção total voltada para cada circunstância para acompanhar e entender o clímax, o suspense, as causas e as conseqüências de cada passagem e entender o desfecho final não só da narrativa, mas de cada personagem.

Já a psicóloga e psicolinguista argentina Emilia Ferreiro (1999, p. 24) afirma que é necessário estar atento sobre a forma de aprendizagem das crianças e a enriquecedora utilidade da contação de história, conforme sua assertiva:

as crianças realizam um intenso e profundo processo de apropriação e assimilação das informações recebidas, além de as registrar, também as transformam, pois esses dados não são guardados passivamente como são

recebidos, são mudados conforme o ambiente e as práticas sociais. É preciso fomentar a imaginação dos ouvintes através das narrativas enriquecedoras, cheias de fundamentos motivacionais da vivência humana social.

Para o educador Paulo Freire a contação de história amplia a sua observação de mundo, redimensiona a sua esfera de observação e a criança aprimora a sua análise e criticidade em relação aos fatos e acontecimentos, vinculando a causa à consequência dos atos e realizações, conforme sua afirmação, Freire (1989, p.7):

a criança cresce realizando a leitura do mundo ao seu redor, em seu prefácio afirma: [...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler mundo, compreender o seu contexto, não uma manipulação mecânica das palavras, mas uma relação dinâmica que vincula a linguagem e a realidade [...].

A autora Fanny Abramovich (1997, p.17) defende uma contação de história bem trabalhada para promover os seus efeitos educativos:

é somente ouvindo uma história que se pode sentir emoções importantes [...] o que as narrativas provocam em que as ouve com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas (fez ou não) brotar [...] pois é ouvir, sentir enxergar com os olhos do imaginário.

O psicólogo e estudioso da psicologia Jean Piaget (1978) afirmou que a prática da contação de história auxilia na formação humana, através da imaginação, atenção e linguagem, pois a criança aprende através de objetos tais como as brincadeiras e os jogos, o meio social, assim contribuindo para a promoção de aprendizagens com significado e sentido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente as narrativas eram contadas entre adultos nos encontros sociais como os saraus onde ocorria a troca de histórias, lendas e parlendas, tanto para a aristocracia quanto para os camponeses, tanto para homens quanto para mulheres. A sua popularização iniciou com as publicações dos Irmãos Grimm, que exaltavam o romantismo e modificaram o foco inicial do terror e por ser uma ação extremamente lúdica e estimulante, tornou-se um recurso de formação para as crianças e os adolescentes, pois desperta a transmissão de suas emoções, ensina conceitos e definições, além de ser um ato educativo, que conscientiza o indivíduo dos atos

humanos, de seus sentimentos e consciências perante ao próximo e especialmente consigo mesmo, faz refletir como agir diante das adversidades.

É necessário realizar um estudo sistemático, dinâmico e contínuo da literatura, pesquisar as características das obras ideais para as crianças e os adolescentes, observar como tirar proveito das histórias para elevar e enriquecer o universo infanto juvenil, desenvolver o processo comunicativo e a oralidade dos ouvintes. A narrativa de histórias traz uma relação constante entre a realidade e a fantasia, pois através da fantasia as crianças compreendam as situações vividas e as analisem e interpretem, transpondo-a para a realidade, tem a sua imaginação e a fantasia estimuladas, adquire intimidade com a leitura, fluência e a habilidade de produzir textos e redações, além de reconhecer os gêneros textuais, expande o vocabulário, aprende desde cedo as regras e estilos, além de atizar o interesse por novas histórias e novos livros.

Toda criança se identifica com alguma passagem ou ato, vai formulando e modulando a sua identidade, através da análise que ela realiza sobre cada personagem da história, discorrendo suas falas, suas ações e os seus comportamentos nas circunstâncias apresentadas. Essa análise é constatada na afirmação de Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 42):

favorecer a identificação com personagens ... facilitar a socialização, estimular a criatividade, experimentar sentimentos e emoções em segurança, mostrar que os problemas são universais e que é preciso aprender a lidar com eles, facilitar a comunicação, desenvolver a maturidade, manter a saúde mental, conhecer melhor a si mesmo, verbalizar e exteriorizar os problemas.

Além de toda essa análise interpretativa, a contação de história também induz a pessoa ao mundo da escrita e da leitura, ao conhecimento de novas palavras e vocábulos, além dos seus significados. Alguns elementos simbólicos devem ser exaltados durante a narração da história tais como: o tempo, o cenário, o enredo, o clímax, as emoções dos personagens, as tramas e os sentimentos que o homem enfrenta ao percorrer do seu amadurecimento emocional, por serem extremamente decisivos na formação de uma criança em relação à sua existência e ao mundo a sua volta.

As histórias devem ser diversificadas, abordando várias temáticas e diferentes situações, e além disso, se recontar várias vezes a mesma história, mas sob perspectivas e visões diferentes, demonstrando que a narrativa pode ter vários lados e versões. Acaso tenha vários personagens, cada releitura pode ser realizada conforme a visão de cada personagem participante, levantar argumentos, defender posicionamentos e gerar reflexões.

Um exemplo dessa situação de recontagem é quando se escolhe uma narrativa como: A Branca de Neve e os sete anões e cada reapresentação da história é contada sob a versão de um personagem. Existe a perspectiva da protagonista da história, a mocinha Branca de Neve, mas também há a versão da antagonista madrasta, ademais é interessante ouvir o testemunho de outros partícipes do conto tais como o pai da protagonista, que é o papel desencadeador de toda a trama por permitir a entrada da antagonista na trama e ainda ser permissivo com o sofrimento da própria filha, além de outros como o caçador, o príncipe que se apaixona pela mocinha do conto e os sete anões.

O profissional da contação de história tem a sua atuação categoricamente decisiva na formação e no desenvolvimento do processo de incentivo à leitura, ao interesse da literatura e até mesmo no ato de facilitar o processo de ensino aprendizagem. Precisa saber a diferença entre apenas ler uma história e contar uma, pois são ações bem distintas, o ato de contar é o de recriar a história juntamente com o público, alterando e enaltecendo as partes de acordo com a interação do público, mas ler é apenas emprestar a voz, respeitando tanto as estruturas linguísticas quanto às estruturas lexicais do autor, sem nenhuma emoção.

Para os contadores de história é recomendável uma leitura prévia minuciosa do texto, pois é importante ter o conhecimento antecipado do que vai ser apresentado para analisar, estudar e realizar uma apresentação coerente, adequada e de qualidade. Dessa forma, deve-se dividir em partes principais, identificar a estrutura da narrativa, conhecer bem cada personagem e as situações que vivenciam na sequência narrativa, afinal de contas, uma história bem narrada é capaz de despertar sensações e ativar sentimentos.

É necessário que o professor conte vários tipos de história aos docentes e através delas propor diversas espécies de vivências e comportamentos para servirem como exemplos de ser e viver ou não. Após a contação pode-se realizar uma roda de conversa para debater esses comportamentos e vivências, mostrar o lado negativo e positivo das ações, reconhecer as estruturas escritas da narrativa e dos gêneros textuais, o início, a sequência e o encadeamento de fatos, causa e consequência textual, ampliação do repertório, apropriação da linguagem escrita, do vocabulário e expressões, além da identificação do final da história e de cada personagem, etc.

Contudo, esse desenvolvimento intelectual deve ser atribuído e utilizado pelos docentes dos ensinos fundamental e médio. A forma de apresentação da contação de histórias, a aplicação de histórias e de atividades é o que devem ser diferenciadas da

abordagem realizada com relação à educação infantil, pois os níveis de aprendizagem são distintos, mas lógico que depende da ação pedagógica, a abordagem e o envolvimento dos docentes.

No ensino médio é cada vez mais crescente a preocupação do letramento literário dos estudantes secundaristas, pois tem ficado mais evidente a dificuldade de compreensão e interpretação textual, além da redução da capacidade de produção textual, promovendo um grande agravamento no desenvolvimento entre a literatura, a leitura e a escrita. A contação de história e a dramatização narrativa são recursos que podem superar essa dificuldade, mas claro que adaptável à idade e à maturidade dos docentes deste ciclo.

Outros beneficiados dessa dinâmica são as pessoas com necessidades especiais ou portadores de deficiência, especialmente se utilizada no período da infância, pois auxilia no processo de mediação e inclusão com o mundo, as outras pessoas ao seu redor e nas escolas. Os portadores de TEA (transtorno do espectro autista), que compreendem o mundo ao seu redor de um modo único e diferente, com as narrativas, têm a sua atenção voltada para fora de si e direcionada à esse mundo imaginário às histórias e seus personagens, e aos portadores de síndrome de down, hidrocefalia, surdez ou ablesia a abordagem promove uma realidade concreta da ludicidade, amplia o universo do visual, da linguagem, amplifica as ações da psicomotricidade tais como o cantar e o ouvir, passa a perceber o esquema corporal próprio e o do próximo, criando consciência de personagens diferentes como uma bruxa ou uma fada, uma princesa.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei de n 9394/96) e os PCN's (Parâmetro Curricular Nacional) foram criados para compor e ampliar as ferramentas educacionais. A desigualdade social é extremamente prejudicial aos alunos mais carentes, principalmente os da escola pública, pois o contato com os livros só é realizado nas escolas e dependendo do acervo de cada instituição.

Qual o papel do professor e da literatura como um instrumento de letramento no mundo? É mediar, incentivar e estimular a aprendizagem dos alunos, e essa atuação deve ser sistemática, dinâmica, lúdica e contínua. O professor é um dos dispositivos que interliga o aluno à leitura, pois ele utiliza o conhecimento da teoria literária para ensinar literatura. É preciso ganhar intimidade com o texto, adentrar na sua linguagem, atribuir sentidos e significados à narrativa, para assim ampliar o universo do letramento do mundo do educando e ensiná-lo a perceber os elementos que marcam os gêneros textuais e como esses elementos se relacionam.

Atualmente o acesso à leitura é garantido não somente pelo material impresso, mas também por sites e APPs (aplicativo de programas de dispositivos móveis eletrônicos como celular) de leitura, mas o acesso é restrito e limitado, pela desigualdade social e a diferença entre o acesso do aluno e da escola pública e da privada, o que compromete a formação leitora. Outro grande erro na docência da literatura é o compartilhamento de textos fragmentados, ato que desmotiva os alunos, pois não permite a compreensão da totalidade de uma obra, o que gera descomprometimento, em particular aos estudantes do ensino médio.

O uso das tecnologias servem como ferramenta para o reconto das lendas urbanas e por isso permitem a transmissão de culturas e crenças antigas, além de contribuir com a imaginação e o lúdico das novas gerações. Todo esse movimento aliado ao uso do conhecimento científico e tecnológico ajuda a manter a tradição da contação das histórias ao passar das gerações. Deve-se destacar a importância da presença das ferramentas tecnológicas nas escolas conforme os autores Sousa, Moita e Carvalho (2011, p. 29):

[...] é essencial que o professor se aproprie da gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizadas em sua prática pedagógica. A aplicação e a mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças.

Somente por meio da apropriação das palavras e da conscientização dos códigos do mundo letrado ao seu redor é que o aluno adolescente compreende e interpreta os fenômenos e os fatores que ocorrem à sua volta, além de perceber os significados dos acontecimentos. É essencial envolver os docentes com acervos literários letrados, populares e pesquisas científicas, através da realização de atividades narrativas orais e escritas, como forma de apreensão dos elementos integrantes de cada gênero literário, absorver os valores culturais transmitidos, as impressões e as definições declaradas nas produções textuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de história surgiu como fator de convivência e tradição social, só que com o passar dos tempos e as mudanças das sociedades passou a ter uma utilidade bem

maior que é a da erudição e da instrução dos ser humano como unidade existencial e integrante de uma aristocracia.

A sua utilidade enquanto utensílio pedagógico, trabalhado em escolas como alfabetização e enriquecimento cultural foi uma imensa mudança em seus objetivos e serventia. Tratar o contador de histórias como um profissional elevou o patamar de quem as contava deve ter uma qualificação não deve agir de modo aleatório, passou a exigir qualificação e formação para atuar de modo peremptório.

Ampliar a sua atuação, não permitindo que esteja arraigada apenas na educação infantil, deve ter uma releitura e uma nova roupagem para ser aplicada nos ensinos fundamental e médio. Afinal de contas, a contação de histórias transformou-se e ultrapassou o papel de agente cultural, e tornou-se também um meio de educação e letramento, só que toda essa mudança e ampliação dessas funções devem ser realizadas de forma responsável e capacitada.

O governo brasileiro, representado pelo Ministério da Educação (MEC), pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios, deve ser comprometido com a educação e o desenvolvimento de seu povo, conseqüentemente deve investir nas escolas, na formação dos professores, e particularmente no investimento das bibliotecas, na distribuição de livros didáticos e paradidáticos, também investir em bibliotecários e profissionais contadores de história, promover e estimular projetos voltados para o reforço escolar e a leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5ª edição. São Paulo, SP: editora Scipione, 1997.

BORGHI, Maria L. **A formação das preferências leitoras na educação infantil**. São Paulo, SP: editora Scipione, 1997.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira-LDB**. Lei de nº 9394/96. Brasília, DF: Centro Gráfico, 2002.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo, SP: Cortez. 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 23ª edição. São Paulo, SP: Cortez, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Editora Atlas, 2008.

LUCAS, E. R. O.; CALDIN, C. F.; SILVA, P.V.P. **Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar:** estudo de caso. Perspec. Editora Cienc. Inf. Belo Horizonte, MG, v. 11, nº 3, set. - dez, 2006.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança:** imitação, jogo, sonho e representação. 3ª edição. Rio de Janeiro, RJ: editora Zahar. 1978.

SOUSA, R. P.; MOITA, F. M. C.; CARVALHO, A. B. G. **Tecnologias digitais na educação.** Campina Grande, PB: Editora EDUEPB. 2011.